

# Revolução Agrária contra "Reforma Agrária"

Texto na página 2

## AÇÃO Socialista

PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS

PREÇO

3

Cruzeiros  
São Paulo  
AGOSTO  
1960

Ano II

ÓRGÃO DA LIGA SOCIALISTA INDEPENDENTE

N.º 8

### EDITORIAL

#### JÂNIO OU LOTT: MAIS MISÉRIA E OPRESSÃO

A medida que se aproximam as eleições, a atenção popular se volta para os candidatos que percorrem o país, gastando rios de dinheiro e de demagogia, procurando aliciar para suas candidaturas o voto dos trabalhadores brasileiros. Estando praticamente fora de combate o ladravaz Adhemar de Barros, (cuja insistência ridícula em manter sua candidatura — por não haver quem a queira comprar, provavelmente — transforma sua campanha numa farsa semi-grotesca) o combate se desenvolve entre o militar reacionário e anti-comunista e o demagogo apadrinhado pelos trustes americanos.

Lott, hoje mais do que nunca, demonstra ser o candidato impopular da continuação do "desenvolvimentismo" esfomeador de JK., da repressão ao movimento operário, dos lucros astronômicos da burguesia exploradora, da carestia de vida, da miséria e da fome das grandes massas camponesas e operárias; militar eminentemente conservador, primariamente anti-comunista, cão-de-guarda fideiíssimo da "ordem e disciplina" capitalistas, o Marechal não se rebaixa a fazer demagogia desenfreada como seu oponente, recusando-se a envergar a máscara "anti-imperialista" e "pró-operária" que os pelegos sindicais e os teóricos do nacional-reformismo (stalinista em particular) lhe pretendem afivelar a todo custo. Coerente consigo mesmo, Henrique Duffles T. Lott afirma em uma concentração sindical organizada em sua honra, simplesmente que "no seu governo não haveriam greves", (sem entretanto entrar nos detalhes quanto às formas de impedir conflitos grevistas...) Quanto ao "nacionalismo" do insigne militar, nada mais esclarecedor do que suas próprias declarações diante do Conselho das Classes Produtoras, (entidade máxima das Classes Exploradoras) onde declarou ser inteiramente favorável à penetração do capital estrangeiro no nosso país e à sua participação no "desenvolvimento" nacional, acrescentando que "a melhor contribuição que podemos dar para atrair o capital estrangeiro é a manutenção da ordem política e social no país". Acrescente-se a isto suas declarações nos Estados Unidos sobre "a defesa do hemisfério" e a "luta contra a subversão" e se tornará evidente que o Departamento de Estado e o imperialismo americano têm no Marechal um aliado tão fiel e digno de confiança quanto J.K., Frondizi, Siles Suazo, Ydigoras Fuentes, Lleras Camargo et caterva.

A inviabilidade eleitoral e a impopularidade crescente da candidatura Lott têm provocado o seu abandono aberto ou velado pelas aitas cúpulas partidárias do PSD e PTB, que tramam incansavelmente um golpe continuista ou uma composição com as forças da Oposição ("partido do desenvolvimento", movimento movimento "Jan-jan" etc); por incrível que pareça, a única máquina partidária incondicionalmente a serviço desta candidatura é a do PC, cujos militantes, frequentemente não sem desgosto e irritação, tem trabalhado incansavelmente nos "Comitês nacionalistas Lott-Jango"; o absurdo desta situação em que os partidos "socialista" e "comunista" apoiam um militar abertamente anti-comunista, declaradamente conservador e sabidamente reacionário, é um sintoma evidente do grau de decomposição a que chegou a pretensa "esquerda" no Brasil, transformada em mero apêndice dos partidos e candidatos burgueses. A candidatura Lott é o exemplo mais flagrante do fracasso da política nacional-reformista, levada por Prestes e seus adeptos "ad absurdum", ao emprestar o apoio dos comunistas à fina flor do conservantismo burguês.

Jânio, por sua vez, pôs fim ao período de demagogia galopante, que se seguiu à sua viagem a Cuba e, para tranquilizar seus patrocinadores, os grandes latifundiários e trustes americanos, exibe um liberalismo retrógrado, tipo século XIX, em declarações solenes sobre as maravilhas da "livre iniciativa" e os perigos do "intervencionismo estatal"; na verdade, apesar de toda a demagogia, ninguém se engana e muito menos os trustes imperialistas, que não escondem sua inclinação pelo homem da vassoura, cobrindo-o de elogios nos seus órgãos de imprensa ("Times", "Hanson's Letters", etc) e os latifundiários e financistas da UDN, que, apesar de "maltratados" pelo candidato, agarram-no como sua última tábua de salvação. Especulam

(Continua na pág. 3)

### Aparência e Realidade na crise do P.C.B.

A crise no PCB exposta, publicamente, nos debates em NOVOS RUMOS, denuncia, senão mais, um fato de indiscutível importância: a força cerçosa da máquina burocrática, sob o domínio onipotente de Prestes e seus lugares-tenentes de "direita" e "esquerda", começa a ceder ante a pressão dos elementos de base, mais sensíveis à radicalização dos

A visível decomposição dos quadros partidários prestistas, traduzida, mais claramente, nos últimos tempos, pelas derrotas eleitorais e no âmbito sindical, lançou o pálio entre os líderes do PCB, forçados a se dobrar diante da realidade: pouco mais representam, hoje, que um Estado-maior, sem exército para comandar.

A "libertização" do debate em torno das "Teses" apresentadas pelo C. C. em abril deste ano, disfarça, na verdade, uma dilacerante luta interna entre os burocratas supremos, em busca dos bodes-expiatórios, que devem pagar pela bancarrota de todo um curso político ziguezagueante, sempre de feição oportunista, e que ganhou vulto catastrófico de 1945 a esta parte.

Depois do XX Congresso do P. C. russo, que deixou bestificados os dirigentes do estalinismo brasileiro, o "espírito de Camp David", resultante do encontro Kruchov-Eisenhower, foi o divisor de águas de que se aproveita-

ram os mais direitistas, sob a inspiração do tenente-jacobino Luís Carlos Prestes para uma reviravolta totalmente nacional-reformista, com o abandono de fato, mais do quem em palavras, das últimas receitas do arsenal "teórico" oportunista staliniano para a "revolução agrária e antiimperialista" nos países do tipo do Brasil.

As "Teses" de abril, em exame, resumiram o que pode vir a ser o novo programa do PCB. Este, mais ainda que seus congêneres, troca de plataforma, segundo as alterações fisionômicas da burocracia soviética. Da catadura tenebrosa de Stalin, extraiu o "arrazador" Manifesto de agosto de 1950; do colóquio "amoroso" entre K. e Ike, em "Camp David", surgem as "Teses" de 1960 já, por certo, em crise de menopausa, diante dos esgarês apocalípticos de Kruschov, sobrevivendo à pressão anti-conciliacionista da República Popular chinesa, em especial modo, e "justificados" pela provocação imperialista do "U-2".

Os contendores supostamente de "esquerda" — Grabois, Pomar, Danielle, Pioto, Calil Chaad e outros, — alguns antigos membros do C. C. e deste afastados, desde 1957, por força da necessária adaptação de Prestes e seus mais chegados serviços do "aparalhos" ao cruchovismo, embora mantidos em posições de mando em escalões inferiores da hierarquia burocrática, desfrutam, ainda, de algum prestígio. Mas desmerecem, sem dúvida, da confiança do Cremlin, que exige instrumentos dóceis de sua estratégia global, reduzida após a morte de Stalin e à consolidação do Capitalismo de Estado na URSS, à luta contra o imperialismo norte-americano, a isto subordinando tudo o mais.

Os elementos do C. C., substituídos em 1957, especulam, agora, com o malogro da linha partidária, que distanciou das massas a organização, e se animam a criticar o "oportunismo direitista" da atual direção. Sem sombras de dúvida, o grupo de ex-dirigentes supremos, desamparados das boas graças do Cremlin por seu "sectarismo esquerdista" de toda a fase anterior à malograda Conferência de Cúpula, buscam, hoje, situar-se na órbita do "maoísmo" que diverge da "coexistência pacífica", preconizada por Kruchov em nome da burocracia estabilizada da União Soviética. A Revolução Chinesa tornou-se para as massas esfomeadas dos países subdesenvolvidos, um foco de atração muito mais fascinante que a URSS, cujo Capitalismo de Estado consolidado determina, por isso mesmo, uma política exterior de cunho nacionalista, mal disfarçada pelas vociferações recentes de Kruchov, após o fracasso da Reunião de Paris. Para os dirigentes soviéticos, o que conta são as "burguesias nacionais progressistas", que devem ganhar autonomia nacional, desvinculando-se da estratégia mundial do imperialismo norte-americano, e, conseqüentemente, debilitando-o.

Esta, em essência, as raízes encobertas ou dissimuladas das divergências entre "opor-

tunistas de direita" e "sectários esquerdistas", vindo a público, como reflexo inconsciente da dinâmica do movimento operário e popular brasileiro e das áreas coloniais, através da "Tribuna de Debate", de Novos Rumos.

Observe-se que, em sua grande maioria, os artigos, de caráter polêmico, publicados no semanário do PCB, são da responsabilidade dos atuais ou antigos membros do C. C. De raro em raro, aparece algo firmado por militantes de escalão inferior. E, quando assim sucede, é para apoiar sem maior exame, uma das tendências em choque.

Vejamos, agora, nos limites permitidos por este artigo, como se configuram "teoricamente", as discordâncias entre os dois grupos.

Afora sua natureza de dupplicidade oportunista, uma afirmação destruindo ou limitando os efeitos de outras, cumpre assinalar, preliminarmente, que as "Teses", no todo, enfeizam um amontoado de aberrações anti-marxistas, muitas vezes a quem mesmo do nacional-reformismo. Esse esboço programático, em discussão, extrai as derradeiras consequências patrioteiras da "teoria" do "Socialismo em um só país" que o "genial" Stalin forçou para erigir, às expensas do movimento operário revolucionário internacional, e no arcaísmo de uma asfiziante máquina totalitária, o Capitalismo de Estado russo. Nessas "Teses" os discípulos bisonhos, e bem distanciados da fase heróica do leninismo, suplantam, de longe, o péssimo mestre do "socialismo nacional".

Substancialmente, as discrepâncias entre "esquerdistas" e "direitistas" dos quadros de comando pecebistas, são de grau quantitativo e não qualitativo. Mais de ritmo na aplicação do esquema estratégico, do que de estratégia e tática no tocante às forças motrizes de revolução no Brasil, e a seus adversários internos e externos.

Ambas as tendências caracterizam a revolução brasileira, "nacional e democrática, antiimperialista e anti-feudal", na primeira etapa, cujo objetivo deve ser alcançar, por vias pacíficas, o desenvolvimento independente e progressista da "Pátria". Os dois grupos atribuem, em maior e menor medida, papel revolucionário à burguesia brasileira. "Direitistas" e "esquerdistas" concordam em que a Frente Única deve abarcar a burguesia em sua "imensa maioria revolucionária", conforme os primeiros e, segundo os últimos, parcialmente mobilizável para a luta contra o imperialismo norte-americano. Para as duas tendências em querela, o capitalismo "brasileiro" segue um curso "progressivo", embora os "esquerdistas" acusem "importantes setores" da burguesia nacional de não defenderem uma política exterior independente e chegarem até a ser "abertamente contra o restabelecimento de relações diplomáticas com a União Soviética"... Cabe pois ao PCB, aos "nacionalistas" de todos os naves, a burguesia — em sua imensa maioria, para os seus fins —, mais conseqüente, conforme

(Continua na pág. 4)

### Sobre o grupelho "Ação Socialista"

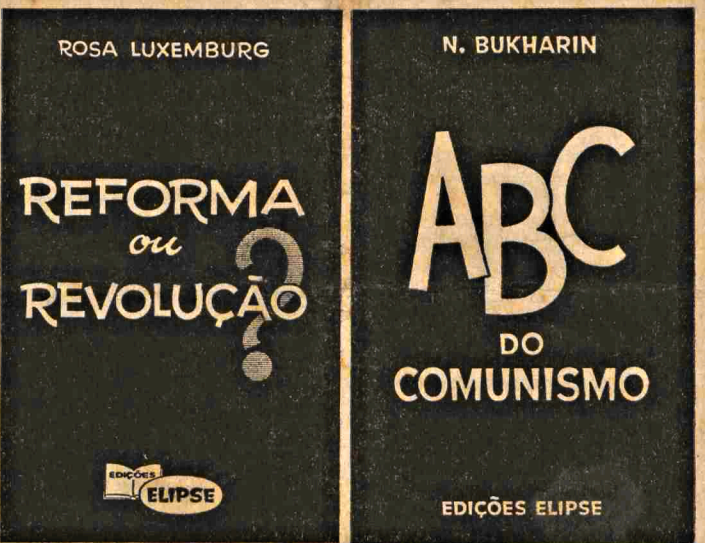
Queremos tornar bem claro que este jornal — "Ação Socialista", órgão da Liga Socialista Independente, em seu oitavo número — nada tem a ver com o movimento "Ação Socialista", fundado há poucas semanas por elementos janistas saídos do P.S.B.

A coincidência desagradável de nome — que procuramos evitar, entrando em contacto com os sociais-carvalhistas — é a única que existe entre o jornal da L.S.I. e o movimento dos servos de Dr. Vassoura.

De passagem, manifestamos nosso repúdio aos sociais-picaretas que, quando no P.S.B., engordavam nos Campos Eliseos à sombra de Jânio e agora, tocados daquele partido, conspurcam o nome do socialismo ao tingir de côr-de-rosa a fachada eleitoral do demagogo.

Por outro lado, enviamos nossos pêsames aos poucos homens de bem que, enleados pela demagogia do candidato, meteram-se na "Ação Janista" para dela sair certamente bem cedo, quando a fedentina da corrupção assomar-lhes aos narizes. Isto especialmente se o demagogo caspento conseguir galgar a presidência da República.

### Importantes obras marxistas traduzidas para o português



"Reforma ou Revolução?", de Rosa Luxemburg, e "A B C do comunismo", de N. Bukarin, foram recentemente editadas em São Paulo. A primeira é, sem dúvida, o maior livro já escrito a respeito do reformismo, visto tanto do ângulo teórico como prático; e a segunda, em que pesem as deformações bolcheviques do autor, é uma das mais simples e completas obras de divulgação do marxismo. Trata-se pois de duas obras fundamentais, não só para o leitor marxista, como para todo aquele que pretenda alargar seus conhecimentos sociais e políticos.

PANORAMA INTERNACIONAL

A REVOLUÇÃO CUBANA MARCHA PARA A ESQUERDA

O processo de radicalização da revolução cubana prossegue em ritmo acelerado, pondo em polvorosa o imperialismo americano e seu fiel aliado, a burguesia latinoamericana.

Passando das ameaças à ação, o governo ianque, representante dos trustes e cartéis imperialistas, lança mão da agressão económica, reduzindo a quota de açúcar cubana; observamos então o mesmo processo de diferenciação: por um lado, os governos burgueses da América Latina correm a oferecer o seu açúcar para preencher a quota cubana (Peru, Brasil, etc.), ou recusam-se a vender seu petróleo a Cuba (Venezuela), por outro os operários e estudantes de todo o continente solidarizam-se com o povo cubano em sua luta contra a agressão imperialista.

Não só os governos oligárquicos, ditatoriais, abertamente ligados ao imperialismo americano (Paraguai, Nicaragua, Rep. Dominicana), como os governos burgueses "democráticos", "liberais" (Colômbia, Peru, Equador) e mesmo os pretensos "nacionalistas", "progressistas" (Argentina, Venezuela) repelem cada vez mais o governo revolucionário de Cuba, horrorizados pelo seu "desrespeito pela propriedade privada", e apoiando aberta ou veladamente o Departamento de Estado em sua "pendência" com Cuba.

Mais uma vez fica evidenciado que as massas latino-americanas nada tem de bom a esperar da "burguesia progressista", cujos Figueres, Frondizis, Betancourts, Hayes de la Torre, Siles Suazos, Kubitscheks, et cetera pretendem "conciliar" a Revolução Cubana com o imperialismo americano.

A burguesia e o imperialismo pretendem instalar um cordão sanitário em torno de Cuba, para impedir que o exemplo se alastre, e os operários e camponeses da América Latina começam a expropriar os trustes americanos e os latifúndios, pondo em ameaça a própria manutenção do regime capitalista neste continente. Cabe à vanguarda marxista latino-americana aproveitar o exemplo cubano e transformar a luta em defesa da Revolução Cubana numa luta em prol da Revolução Operário-camponesa em todo o continente. DERROTA DO IMPERIALISMO NO JAPÃO

Após a queda de Syngman Rhee na Coreia, e de Menderes na Turquia, o imperialismo sofreu nova derrota na Ásia com a grandiosa mobilização das massas japonesas contra o Pacto Militar Nipo-Americano. Tal mobilização, que só não terminou com a queda do regime, devido a atuação hesitante, contraditória e reformista do PC e do PS (cuja ala direita é pró-imperialista), pôs em fuga o agente imperialista Hagerty, forçou Ike a "adiar" sua visita ao Japão, e provocou a renúncia do governo do laço Kishi.

Desnecessário é insistir sobre o enorme papel que teria uma Revolução Socialista de caráter independente no Japão, que não só desagregaria o sistema militar e económico do imperialismo na Ásia, como acabaria com o monopólio do stalinismo sobre o movimento operário internacional.

Sem dúvida, a organização que mais lutou para levar o movimento às suas últimas consequências foi a central estudantil "Zengakuren", dirigida por estudantes revolucionários, pertencentes, em sua maioria a uma organização denominada "Liga Comunista". As informações que se pôde obter (de fonte insuspeita: revista "Time" e jornal "O Estado de S. Paulo"), indicam que esta organização, que, pela sua combatividade e coragem desempenhou um papel decisivo nas grandes manifestações populares contra o Pacto, apresenta notáveis semelhanças políticas com a Liga Socialista Independente do Brasil.

(Continua na 4.ª pagina)

REVOLUÇÃO AGRÁRIA CONTRA REFORMA AGRÁRIA

Beneficiados pela confusão em torno da questão agrária, reformistas e demagogos de várias paróquias exploram em seu proveito o problema da terra. Enquanto as massas do campo permanecem na mais profunda miséria, multiplicam-se projetos e lorotas, desde a mistificação da "Revisão Agrária" de C. Pinto até as fórmulas oportunistas do comuno-petebismo.

Tais projetos de "reforma agrária" podem parecer ao observador superficial um passo à frente na solução do problema, mas na realidade, para quem olha do ponto de vista do trabalhador rural, não passam de suaves paliativos, quando não irritante demagogia.

A "reforma agrária", segundo seus melhores teóricos, visarão:

- 1) Introduzir no campo o modo de produção e as relações de produção capitalistas, eliminando as formas feudais, semi-feudais ou pré-capitalistas de produção;
2) Criar, através do fracionamento da propriedade latifundiária, o campesinato (que, segundo dizem acertadamente os mais sinceros políticos burgueses, será uma classe conservadora, verdadeiro baluarte da "ordem" e entrave ao comunismo);
3) Construir, pela formação do pequeno campesinato e pelo aumento (relativo) do nível de vida das massas rurais um mercado interno para a produção industrial.

Realmente, a criação no Brasil de uma classe conservadora ou mesmo reacionária de camponeses ricos, seria um obstáculo considerável, para a revolução socialista; contudo, as classes dominantes brasileiras jamais irão efetuar uma expropriação em larga escala de latifúndios (condição sine qua non da "reforma agrária") pelas seguintes razões:

- a) Temor de uma expropriação efetuada pelas próprias massas camponesas, de consequências imprevisíveis;
b) O caráter economicamente retrógrado, mesmo do ponto de vista burguês, da pequena exploração, sobre a qual a grande empresa apresenta inúmeras vantagens económicas e financeiras: "a importância menor da superfície não cultivada, as economias de homens, de animais e de instrumentos, a utilização integral de todos os objetos, a possibilidade de emprego de máquinas com a qual não conta a pequena exploração, a divisão do trabalho, a direção confiada a agrônomos, a superioridade comercial, a maior facilidade para a obtenção de dinheiro". (K. Kautsky, A Questão Agrária);
c) O profundo amálgama entre os interesses económicos e políticos básicos dos burgueses industriais e financeiros com os latifundiários (que frequentemente se reúnem na mesma pessoa), que se funde numa poderosa classe dominante contrária a quaisquer modificações radicais da estrutura socio-económica vigente.

Percebe-se facilmente que a "reforma agrária" não constitui, nem do próprio ponto de vista burguês, um passo avançado. Antes é uma mistificação reacionária que conta infelizmente com o apoio da pretensa esquerda petebista.

Mesmo que a propalada subdivisão da terra se fizesse, (nos termos do reformismo agrário), a experiência nos leva a crer que nada de bom dela poderiam esperar os pequenos proprietários. De fato, até agora verificamos que as diferenças entre pequenos proprietários, rendeiros, parceiros, colonos e simples assalariados agrícolas são mais aparentes que reais; antes de mais nada os pequenos proprietários, longe de constituírem, como na Europa, uma classe camponesa solidamente estabelecida não passam entre nós de uma camada instável que, periodicamente, se engaja como assalariada e cujo padrão de vida "se destingue muito pouco do sim-

ples trabalhador rural empregado" (Caio Prado Jr., Brasiliense, 28). Estes proprietários de minifúndios trocam com frequência sua posse insignificante pela condição de assalariado urbano ou mesmo rural, não demonstrando o "apêgo" à terra" tão decantado pela demagogia reacionária. Boa parte, senão a maioria dos participantes do êxodo rural, principalmente do Nordeste é composta de ex-pequenos proprietários.

Um exame sucinto dos projetos de reforma agrária que se encontram presentemente em discussão nas Câmaras federais e estaduais nos permitirá descobrir, por traz da demagogia nacional-reformista e das ilusões pequeno-burguesas, o verdadeiro conteúdo das alterações que a "burguesia progressista" e "desenvolvimentista" está disposta a introduzir na estrutura agrária atual. Para simplificar nossa tarefa analisaremos dois projetos, representando a extrema-direita e a "extrema-esquerda" do movimento de reforma agrária: "A revisão agrária" de Carvalho Pinto e o projeto de reforma agrária, do deputado Coutinho Cavalcanti, do PTB.

A revisão agrária (a própria palavra "reforma" pareceu-lhe radical demais) é o exemplo característico das modificações que a burguesia deseja introduzir no tempo: o projeto visa, essencialmente, através de um imposto territorial progressivo, a introdução de métodos e de técnicas capitalistas, a exploração intensiva e racional das terras inaproveitadas, e o incentivo à formação restrita de pequenas propriedades.

A constituição, em proporções reduzidas, de pequenas propriedades (o Plano prevê apenas algumas centenas) não visa, de forma alguma, a extinção do latifúndio e a transformação de todos os assalariados e arrendatários em pequenos proprietários ou — próprio governador negou publicamente que esta fosse sua intenção — mas sim manter aquele mínimo de pequenas empresas, indispensável ao equilíbrio sócio-económico do campo e de interesse do próprio latifundiário. Como muito bem ressalta Kautsky, "não devemos pensar esteja a pequenos proprietários — o em vias de desaparecer, na sociedade moderna, ou que possa ser inteiramente substituída pela grande propriedade. Vimos que onde a concentração desta última avançou bastante, a tendência à subdivisão entra em jogo, e que mesmo o Estado e os terratenentes intervêm quando esta evolução esbarra em fortes obstáculos. A grande propriedade territorial, nos lugares em que elimina um número considerável de pequenas explorações, procura depois restaurá-las artificialmente. Quanto maior é a emigração para a cidade, tanto mais elas se esforçam por fixar a gleba os operários de que precisa".

A "Revisão Agrária", em geral bem recebida nos círculos burgueses, liberais e conservadores — o jornal "O Estado de S. Paulo" chegou a afirmar: é aqui que o sr. Fidel Castro pode colher ensinamentos sobre a forma de realizar a justiça social sem violar o direito à propriedade privada" — foi alvo entretanto de amargas críticas por parte de latifundiários ultra-reacionários e arqui-retrógrados que a apodaram de "pro-

jecto bolchevique", "leninista" etc. É provável que algumas modificações sejam introduzidas no projeto para atender a estes protestos, tornando-o ainda mais moderado e indolor.

É mais do que evidente que esta "Revisão", deixando incólume a pirâmide social da sociedade agrária, e a grande propriedade latifundiária ("desde que racionalmente explorada") é incapaz de resolver a angustiante situação das massas trabalhadoras rurais; estas, por intermédio de suas entidades de classe, já manifestaram seu ceticismo e, mesmo, sua oposição ao projeto governamental, e continuam exigindo a expropriação dos latifúndios.

Vejam agora as características do projeto "esquerdista" do deputado petebista Coutinho Cavalcanti que, apesar de aparentemente radical, apresenta muitos pontos em comum com a "Revisão" conservadora de C. Pinto & Cia. Como esta, ele visa essencialmente o aumento de produtividade e a exploração racional do campo, por métodos de produção capitalistas; as suas principais finalidades são (artigo 69):

- a) Condicionar o direito de propriedade à produtividade económica do imóvel, de acordo com a sua capacidade de destino;
b) promover a justa distribuição da propriedade;
c) eliminar os processos rotineiros da agricultura, atualizando-os de acordo com a técnica moderna;
d) proporcionar aos não proprietários maior estabilidade e segurança;
e) elevar os índices de produtividade da terra e aumentar do trabalhador agrícola;
h) dar combate ao latifúndio e ao minifúndio;
i) eliminar progressivamente, substituindo por formas racionais, o sistema feudal de exploração e ocupação da terra...

O autor do projeto estabelece uma distinção básica entre "empresa agrícola" que é definida como "grande propriedade tecnicamente explorada que, ocupando extensas áreas, utiliza métodos modernos de exploração racional e mecanizada, permite aos que nela empregam seu trabalho como assalariados um padrão de vida condigno" (art. 14), e o latifúndio, que, segundo ele seria "a grande propriedade inculta e manifestamente mal explorada" (art. 15), sendo apenas esta última passível de expropriação.

A propósito deste "latifúndio improdutivo". Caio Prado Jr. observa com razão que: "Não são positivamente "improdutivos" as grandes propriedades ocupadas com a exploração canavieira e outras que têm os graves efeitos sociais e económicos que analisamos. (...) Em suma, o latifúndio improdutivo pode ser, e efetivamente é um mal a ser combatido. Mas não pode ser isolado e separado, no combate que contra ele se pretende, das demais circunstâncias que tornam possível sua existência, da questão agrária em seu conjunto, de que ele não constitui senão um elemento derivado. (...) Proposta noutros termos, a luta ou pseudo-luta contra o latifúndio "improdutivo" nada será mais que uma diversão, um escamoteamento do problema agrário brasileiro".

Realmente, para o trabalhador rural explorado e oprimido, muito pouco significado tem a "produtividade" ou "improdutividade" do latifúndio onde trabalha, uma vez que "a remuneração do trabalhador e as condições gerais de trabalho não divergem sensivelmente nas propriedades que, respectivamente adotam ou não técnicas modernas e aperfeiçoadas de exploração da terra. (...) Segundo opinião generalizada nas zonas açucareiras do Nordeste, o trabalhador rural vive hoje

FECHADO O M. I. R. NA ARGENTINA

O governo reacionário e anti-popular do "burguês nacionalista" Arturo Frondizi demonstra mais uma vez de forma patente seu caráter anti-democrático, fazendo fechar pela polícia federal a sede do "Movimento Izquierda Revolucionária" (Praxis), o seu jornal "Revolución" e anunciando a dissolução da agremiação.

Como se isto não bastasse poucos dias após, era detido por policiais ou militares o secretário particular do camarada Silvio Frondizi, dirigente do MIR, Sr. Ramon Pesquera, que foi submetido a bárbaras torturas, sendo-lhe aplicada durante 3 horas, a "agulha elétrica" no abdómen e órgãos genitais.

Enganam-se a burguesia e a casta militar retrógrada que dominam o governo argentino, se acreditam poder sufocar, com a brutalidade dos policiais e torturadores, a vanguarda marxista do proletariado argentino. O Movimento Izquierda Revolucionária legítimo representante dos interesses históricos da classe operária da Argentina, continuará a manter acesa na república vizinha a chama do marxismo revolucionário, queiram ou não os exploradores capitalistas.

O camarada Mario, do MIR (Praxis) escreve-nos de Buenos Aires:

"Apesar de tudo, dos sacrifícios e temores, sentimos algo de orgulho por terem escollido precisamente a nós para atacar... Não se preocupem demasiado por nós, porque dentro de pouco vocês também estarão ameaçados. Entretanto, por mais forte que seja o ataque, se se sabe agir, pode-se utilizá-lo em seu favor, mobilizando o apoio do povo para os perseguidos... Uma grande saudação para todos nossos amigos e a segurança de que vamos para a luta com o espírito elevado. Por isso seremos invencíveis".

Realmente, estamos seguros que, apesar da feroz repressão burguesa, o MIR continuará a desempenhar a sua tarefa ajudando a classe operária a encontrar uma saída revolucionária para a profunda crise política e social que abala o regime capitalista na Argentina. Os instrumentos de tortura e a arbitrariedade policial não conseguirão conter na república platina, como não o conseguiram em Cuba, a revolta dos operários, camponeses e estudantes contra a opressão imperialista e a exploração capitalista.

A Liga Socialista Independente do Brasil, fiel aos princípios do internacionalismo proletário, manifesta sua irrestrita solidariedade aos camaradas argentinos do Movimento Esquerda Revolucionária, vítimas da perseguição policial do governo pseudo-democrático do "nacionalista" Arturo Frondizi, instrumento dócil do imperialismo americano e dos militares "gorilas" semi-fascistas.

em piores condições que há anos passados. E o fator diretamente responsável por isso, foi precisamente o progresso e desenvolvimento económico daquelas zonas". Entende-se: progresso e desenvolvimento burgueses.

Vemos assim a fragilidade e a insuficiência, mesmo do ponto de vista reformista, do projeto "radical" e "esquerdista" do "quase-comunista" Coutinho Cavalcanti. O que há de realmente interessante para as massas rurais em seu projeto não é a "reforma", mas a extensão da legislação trabalhista ao campo e o direito de sindicalização por ele propostos, os quais podem permitir uma melhora das miseráveis condições de vida dos trabalhadores do campo. E' disto que têm medo os grandes latifundiários, e não das medidas de "expropriação" do projeto, as quais estabelecem que terão preferência para aquisição dos lotes (Cont. na 4.ª pag.)

## FORUM DE DEBATES

## CANDIDATURA OPERÁRIA OU VOTO EM BRANCO

Antonio T. Martinez

A nosso ver, dentro das atuais condições, a discussão entre os partidários da candidatura operária e os do voto em branco é tipicamente "bizantina", isto é, assemelha-se às discussões dos habitantes de Bizâncio, que, cercados pelos turcos, empenhavam-se em violentos combates sobre questões teológicas (natureza divina ou humana de Cristo e da Virgem etc.) ao invés de combater o invasor muçulmano. Por isso mesmo pretendemos reduzir nossa intervenção no Fórum de Debates ao mínimo, afim de não tomar o espaço reservado a problemas de interesse concreto no movimento operário e camponês.

Acreditamos que a reduzida vanguarda marxista que conservou a lucidez suficiente para não embarcar na maré burguesa das candidaturas Jânio e Lott, deve antes de mais nada, unir e organizar suas forças, numa luta conjunta para desmascarar as candidaturas do militar reacionário e do demagogo pró-imperialista, apontando um caminho independente, um caminho proletário e revolucionário.

Poderia a palavra de ordem da candidatura operária exercer esta função? A nosso ver, SIM. E, ao fazer tal afirmação, acreditamos ser coerentes com o pensamento marxista, pois que a única vez em que Karl Marx tocou no assunto, (em "As lutas de classes na França") foi para afirmar que o proletariado revolucionário (note-se bem: o proletariado revolucionário, e não os "reformistas-centristas-oportunistas- e o n f u sionistas") lançou a candidatura de Raspail como forma de protesto contra a Constituição burguesa, e que este foi o primeiro ato com que o proletariado se constituiu como partido político independente.

Contudo, como não nutrimos nenhum apêgo talmudista aos textos de Marx, acreditamos que a palavra de ordem do voto em branco, quando as condições o exigirem, poderá e deverá ser aplicada (embora ela não conste nos escritos de Marx e Engels); é o caso da Argentina, onde tal palavra de ordem tem grande penetração nas

massas operárias e onde constitua a forma natural de protesto contra a exploração.

Atualmente, no Brasil, o voto em branco não tem repercussão senão em reduzidos círculos pequeno-burgueses, e é habitualmente empregado com expressão de indecisão, e não de repulsa. Por isso, acreditamos que a palavra de ordem da candidatura operária seria provavelmente a melhor forma de mobilizar as massas contra os candidaturas burguesas e contra o regime capitalista.

Desde que esta palavra de ordem fôsse levada aos sindicatos, à vanguarda operária e estudantil, à base comunista, não como forma de "conquista pacífica do poder", mas como forma de protesto e mobilização contra o regime capitalista, poderia trazer uma contribuição extraordinária para a educação revolucionária do proletariado. Seu valor didático, indicando nitidamente a oposição entre operariado e burguesia (candidatura operária x candidatura burguesa) é muito superior ao do voto em branco, de colorido tipicamente pequeno-burguês, em nosso país.

Os nomes de candidatos, ou a possibilidade atual de uma candidatura operária são secundários: o principal é fazer ver aos trabalhadores e estudantes de vanguarda que os sindicatos, associações de camponeses etc., deveriam lançar um candidato próprio, contra a burguesia e os candidatos burgueses.

Finalmente, gostaríamos de observar que, a nosso ver, nada de produtivo se consegue para o movimento revolucionário, injuriando gratuitamente a outros grupos marxistas, que, como no caso do POR trotskista, procuram honestamente, uma saída revolucionária para o proletariado brasileiro. Acreditamos, pelo contrário, que os pequenos grupos marxistas devem unir suas forças em trabalhos conjuntos, tendo em vista sua unificação num Partido Marxista Revolucionário, baseado na democracia e na liberdade de tendências, Partido esse que possa libertar o proletariado da traição stalinista e nacional-reformista, conduzindo-o pela senda da Revolução Socialista.

## Atividades da LSI

A defesa da Escola Pública tem sido um dos objetivos principais da LSI em tôdas as suas frações. O projeto obscurantista, apoiado tanto pela "situação" como pela "oposição" burguesas, mereceu a repulsa dos setores mais dispares do povo, dos sociais-católicos aos espíritas, dos protestantes aos socialistas, dos liberais aos comunistas, e não podia deixar de contar com o repúdio decidido da LSI. O trabalho de ligação dos intelectuais do movimento com as organizações operárias e sindicatos tem sido nossa principal preocupação neste setor.

x x x

A luta contra a repressão ao nascente movimento reivindicatório camponês foi outro alvo da LSI. A prisão arbitrária do líder Jofre Correia Neto provocou uma mobilização, da qual tomamos parte, de trabalhadores e estudantes, inclusive em Sta. Fé do Sul.

x x x

A Fração dos Estudantes Secundaristas participa ativamente do Congresso da União Brasileira de Estudantes Secundários, realizado há pouco no Rio. No próximo número publicaremos relatório pormenorizado da atividade dos companheiros que participaram como delegados ao Congresso, onde defenderam, além dos interesses gerais dos estudantes secundários, uma tese sobre a União Operário-Estudantil.

x x x

A Fração Universitária está levando a efeito uma série de concorridas palestras acerca de temas fundamentais para a atividade política marxista no Brasil: "Revolução Permanente e Tática Nacionalista", "A Questão Agrária" e, finalmente, "Problemas de Organização".

## VIDA ESTUDANTIL

## Vanguarda Estudantil apóia Cuba

A ativa participação de alguns grupos estudantis no movimento de apóio à Revolução Cubana, particularmente no momento em que esta tende a assumir formas mais radicais e passa a a sofrer a mais aberta reação por parte do imperialismo americano tem uma importância que não deve ser subestimada.

Esta importância é tanto maior quando nos apercebemos da progressiva depuração das correntes de opinião no concernente à Revolução Cubana. Esta, à medida que se vai tornando mais radical, vai perdendo o apóio dos grupos burgueses "progressistas" e "nacionalistas" e ganhando a confiança dos setores estudantis mais esclarecidos.

O conflito entre Cuba e os EE.UU. atingiu seu ponto crítico com a intervenção nas grandes companhias petrolíferas e na república americana reduzindo a cota de importação de açúcar cubano.

Imediatamente, alguns países latino-americanos, entre os quais o Brasil, se prontificaram a cobrir essa cota, exportando açúcar aos EE.UU., mesmo que às custas de um imediato aumento do preço do produto no mercado interno. Nem bem se consuma a penetração do produto brasileiro no mercado ianque, e já uma escorchante majoração recai sobre os trabalhadores, que têm assim a sua parte (de sacrifício) da suja transação em vista.

Esta decisão, que interessa apenas aos grandes usineiros ávidos de lucro, provocou enérgica reação dos setores mais radicais, particularmente entre os estudantes, no México e no Brasil.

Em S. Paulo, sob pressão dos elementos estudantis de esquerda, entidades estudantis como a UEE e a UPES desenvolveram intensa atividade no sentido de movimentar

o apóio dos sindicatos, particularmente dos marítimos, a fim de impedir o embarque de açúcar, caso a venda se efetuasse.

Todos os meios à disposição foram utilizados na campanha de esclarecimento popular: atos públicos foram levados a efeito, manifestos foram publicados, realizaram-se comícios-relâmpago, destacando-se um grande comício na Praça da Sé. A Liga Socialista Independente movimentou todos os seus setores nesse movimento.

Com essa atividade, amplos setores da opinião pública foram alcançados, particularmente aquele que está mais ligado à questão: a classe operária.

Quanto aos contactos com os sindicatos, se foi, de um modo geral, frutífero, evidenciou um fato lamentável, mas que vem ressaltar a importância e a posição de vanguarda dos movimentos estudantis de esquerda. Referimo-nos à política reacionária adotada pelo Conselho Sindical de São Paulo, que se recusou a tratar da questão, alegando não ser este um problema trabalhista, numa triste demonstração de submissão a interesses alheios à classe que representa e de falta de solidariedade para com os seus companheiros de Cuba.

Pelo que ficou exposto, evidencia-se a importância da participação ativa dos estudantes nos problemas suscitados pelo desenvolvimento da Revolução Cubana. Isto é particularmente válido no que se refere à possibilidade de organização de uma ampla vanguarda estudantil efetivamente anti-imperialista (desligada, portanto, de qualquer forma de nacionalismo) e que saiba perseguir seus alvos imediatos sem jamais perder de vista o objetivo último, que é a luta anti-capitalista, a opinião pública e de obter

## JÂNIO OU LOTT...

do sujamento com a insatisfação popular diante do "desenvolvimento" aventureiro de JK, Jânio surge com fortes possibilidades de vitória, atraindo para suas hostes não poucos ex-"nacionalistas" em busca de emprego e mesmo alguns "socialistas" envergonhados (os picaretas do grupo "Ação Socialista").

Jânio no governo significará, tanto ou mais do que Lott, repressão brutal do movimento operário (como em S. Paulo em 1958), carestia de vida, penetração do imperialismo explorador, fome e miséria para o povo trabalhador. Os pelegos sindicais jânistas, que comandados pelo renegado Gerard Mayer procuram disfarçar de progressista o candidato predileto dos trustes, estão, tal como seus rivais lottistas, traindo miseravelmente o proletariado, que acabará, mais cedo ou mais tarde, por expulsá-los de suas fileiras, quando o demagogo no governo tiver se desmascarado.

Realmente, Jânio e Lott prometem repressão, carestia e fome para os operários, exploração e miséria total para os camponeses, obscurantismo para os estudantes (um integralista no Ministério da Educação — Lott — ou Carlos Lacerda — Jânio) e por outro lado, garantem a "ordem política e social para os exploradores, os lucros dos burgueses, e a renda dos latifundiários, os juros dos banqueiros e facilidades para os trustes.

Aos socialistas marxistas cabe, hoje, como ontem, denunciar implacavelmente, intransigentemente, contra tudo e contra todos, as candidaturas burguesas, desmascarando-as e mostrando aos trabalhadores o seu verdadeiro caráter: candidaturas conservadoras, reacionárias, capitalistas, e servis ao imperialismo (como o é a própria burguesia brasileira).

A Liga Socialista Independente, fiel à sua orientação revolucionária, repudia mais esta farsa eleitoral da "democracia" burguesa, que oferece aos trabalhadores dois representantes da classe exploradora que, apesar dos disfarces com que os cobrem os nacional-reformistas e social-picaretas de diversos matizes, não escondem o seu caráter anti-popular e opressor; a LSI conchama os trabalhadores e estudantes de vanguarda a exprimir sua repulsa e o seu protesto contra as candidaturas burguesas e contra o regime capitalista.

# Libertemos Joffre Corrêa Netto

Os camponeses de Santa Fé do Sul vêm há meses enfrentando a repressão policial e as arbitrariedades de jagunços a serviço do latifundiário Zico Diniz, que pretende expulsá-los à força de suas terras, para transformá-las em pastos; organizados em torno de sua Associação, preparam-se os trabalhadores para resistir, contando para isso com a solidariedade dos operários e estudantes de toda a Alta Araraquarense (como ficou evidenciado no grande comício de 1º de maio que se realizou há pouco em Santa Fé).

As arbitrariedades, que culminaram com a agressão sofrida meses atrás pelo líder de classe Jofre Correia Neto, baleado e gravemente ferido por capangas do explorador Diniz, não tiveram outro efeito senão intensificar a organização dos camponeses e aumentar sua disposição de luta contra o latifundiário esfomeador.

Diante da combatividade dos camponeses e da Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Santa Fé do Sul, a Justiça do Estado deixou cair a máscara da "imparcialidade", mostrando claramente o seu caráter de classe, encarcerando Jofre Correia Neto, enquanto seus agressores, os jagunços do coronel de fazenda Diniz, continuam seltos e livres.

Invocando a Lei fascista de Segurança Nacional, a polícia de Carvalho Pinto prendeu o líder camponês, processando seus companheiros dirigentes da Associação, sob a acusação de "subversivos", "extremistas" etc. por terem organizado os lavradores para arrancar o capim que os agentes de Zico Diniz haviam plantado sobre suas terras.

O governo Carvalho Pinto, representante legítimo do latifúndio e das altas finanças de S. Paulo, evidencia assim o seu caráter reacionário: por um lado lança a manobra demagógica da "Revisão Agrária, medida totalmente inócua, um verdadeiro bléfe destinado a enganar os trabalhadores agrícolas do Estado, e por outro encarcera os autênticos representantes do campesinato, pelo crime de lutarem por melhores condições de vida para sua gente.

Mas a luta de classes no campo continua, em S. Paulo e em Goiás, em Pernambuco e no Paraná, quer isto agrade ou não aos governos burgueses e aos pelégos nacional-reformistas que pregam a "ampla frente única com os latifundiários progressistas"; e por outro lado, está se forjando na prática a verdadeira frente única, a aliança operário-camponesa, apesar das hesitações oportunistas de certos dirigentes sindicais, agentes serviais do Ministério do Trabalho ou do Governo do Estado.

A Liga Socialista Independente, manifesta sua irrestrita solidariedade ao trabalhador encarcerado Jofre Correia Neto, e apela aos operários e estudantes para que exijam de seus sindicatos e grêmios pronunciamentos incisivos pela libertação de Jofre, pela prisão dos seus agressores e pela garantia dos direitos dos camponeses de Santa Fé do Sul.

ABAIXO A EXPLORAÇÃO LATIFUNDIÁRIA EM S. PAULO!

EXPROPRIAÇÃO SEM INDENIZAÇÃO DO LATIFUNDIÁRIO ZICO DINIZ!

LIBERDADE PARA O LÍDER CAMPONÊS JOFRE CORREIA NETO!

ABAIXO A DEMAGOGIA AGRÁRIA DE CARVALHO PINTO!

Revolução Agrária...

(conclusão da página 2)

(conclusão da 1.a página)

os "esquerdistas" — e mesmo os chamados "esquerdistas" imperialistas não solucionadas pelas suas burguesias decedentes e comprometidas até a medula com o imperialismo...

os chamados "esquerdistas" imperialistas não solucionadas pelas suas burguesias decedentes e comprometidas até a medula com o imperialismo...

imperialistas não solucionadas pelas suas burguesias decedentes e comprometidas até a medula com o imperialismo...

ria, no todo ou em parte, conforme uns e outros. Não podemos nos alongar, repisando argumentos já expostos em outros artigos da A.S. sobre a natureza da burguesia nacional...

Revolução Agrária... (conclusão da página 2) expropriados... os próprios proprietários do imóvel desapropriado! (art. 107). É provavelmente pelo temor à sindicalização do campo que a burguesia tem feito dormir durante seis anos nas gavetas do Parlamento o projeto Cou-

Pela análise sumária feita acima, torna-se evidente que "direitistas" e "esquerdistas" concordam no fundamental, isto é, no caráter da revolução "pacífica" brasileira, "nacional e democrática, antiimperialista e anti-feudal", em sua primeira etapa. Onde, pois, as razões "racionalizadas" das divergências?

Assim por diante. O caráter da revolução é o mesmo. Com as mesmas etapas. Com a mesma tática e a mesma estratégia. Apenas os "esquerdistas" procuram dar ênfase à "reforma agrária" em termos burgueses, bem entendido, e reduzem a importância da chamada burguesia nacional na revolução "nacional e democrática".

A mitologia staliniana das revoluções por etapas, com gradações táticas e estratégicas em que figuram inimigos de classe transformados em aliados e "companheiros de jornada" potencialmente revolucionários, encontrou sua comprovação pelas avessas, nas sucessivas e trágicas derrotas do proletariado, na Europa e na Ásia, até o fim da II Grande Guerra.

O apregoado "desenvolvimento" brasileiro vem sendo realizado, na quase totalidade, sob a égide do dólar, em investimentos diretos ou na forma de participação com os burgueses "nacionais". A burguesia "antiimperialista" não passa de uma criação antioperária, anti-socialista do oportunismo de todas as colorações.

as questões pendentes contra o imperialismo e anti-feudais, as quais a burguesia "nacional", prostituída ao capital financeiro, não pode e, muito menos, quer resolver. Não é nesses termos que a chamada "esquerda" do PCB baseia suas críticas ao "reformismo oportunista" de Prestes e sequazes do Comitê Central. Mas, ainda que o debate atual se encerre com a liquidação ou a capitulação dos "esquerdistas", como "as cem flores" de Mao-Tsé-Tung acabaram servindo para garrotear os "direitistas" da China Popular, a base do PCB e, mesmo, das direções intermediárias terão estimulada sua capacidade crítica e abalada a crença na "infabilidade" dos chefes do PCB, com Prestes à frente, e que só derrotas lhes vêm oferecendo. E, isto, já por si, constituirá elemento para a transformação socialista do Brasil. Será no curso dessa transformação, em processo único, ininterrupto e ascendente que se solucionará

- 1) A burguesia industrial e financeira do Brasil (como a de todos os países latino-americanos) não é uma classe revolucionária; tendo surgido atrás do cenário histórico, precocemente senil, ameaçada pela Revolução Socialista Internacional, preocupa-se muito mais pela manutenção do status quo do que com a introdução de alterações radicais na estrutura agrária.
2) As únicas modificações que a burguesia, de comum acordo com os latifundiários capitalistas, efetuará na economia rural do país, são aquelas que visam a introdução do capitalismo no campo, a exploração racional e intensiva da grande propriedade, mas a custa do baixo nível de vida do trabalhador.
3) O auxílio ao pequeno camponês e outros paliativos que os governantes burgueses estão dispostos a conceder, sob a cobertura demagógica da "Reforma Agrária", absolutamente não resolvem a angustiantes situação sócio-econômica da esmagadora maioria da população rural;
4) A expropriação do latifúndio ("produtivo" ou não) em grande escala, reivindicação secular dos posseiros, rendeiros e trabalhadores rurais, não consta de nenhum programa de reforma agrária (direitista ou "esquerdistas"); se tal exigência fosse apresentada, as classes dominantes do país se ergueriam em coro uníssimo para rejeitá-la.

Estas existem, embora os "esquerdistas", de modo geral, não se apresentem menos obscuros e tergiversantes que os "direitistas", quando as formulam. Contudo, basicamente, podem ser apresentadas nos seguintes termos:

a) — os "esquerdistas" sempre de modo difuso e vago, negam que a principal contradição existente no Brasil, seja entre "a nação e o imperialismo norte-americano e seus agentes internos", conforme se depreende da "Declaração" e das "Teses" do Comitê Central do PCB;

b) — acusam a direção do Partido de "embelezar" a burguesia e de exagerar a importância do desenvolvimento capitalista no Brasil;

c) — em seu entender a atual direção sobrepõe à aliança operário-camponesa a aliança com a burguesia, relegando a segundo plano a solução da questão agrária, e evitando ou amaciando a luta de classes no campo;

d) — contestam a afirmação das "Teses" de que "a tendência que predomina neste curso é a da democratização, da extensão dos direitos políticos a camadas cada vez mais amplas" da população brasileira, o que levaria à instauração de um "governo de novo tipo", com ou sem comunistas;

e) — rejeitam, o que afirmam as "Teses", a possibilidade de "ainda nos quadros do regime atual" serem realizadas reformas de estrutura que implicarão na "tomada de posições" cada vez mais importantes ao capital norte-americano e às forças entre-guistas e reacionárias, "constituindo, assim, o conteúdo de um novo curso de desenvolvimento econômico e político da nação brasileira".

No Brasil, aos "mitos" de Stalin foram acrescentados, por Prestes e seus lugares-tenentes novo se mais grosseiros "mitos" de inspiração cruchoviana: setores de latifundiários-Frente Única nacionalista ao lado da maioria da burguesia nacional, mobilizável para a luta contra o imperialismo norte-americano. Por estas colunas, já expusimos o ponto de vista da Liga Socialista Independente sobre o caráter da revolução brasileira, amparados na teoria marxista confirmada por toda a experiência histórica provinda dos acontecimentos revolucionários nos países coloniais, semi-coloniais e dependentes, em mais de meio século. Foram por nós citados textos de Marx, Lenin e do próprio Stalin dos primeiros tempos, quando vivia sob a tutela de severa vigilância do segundo. Repetindo as próprias palavras de Marx e Engels, acentuamos que o problema nacional nos países coloniais, semi-coloniais ou dependentes, como é o caso do Brasil, está subordinado ao problema principal e fundamental: o da revolução. Os objetivos de emancipação nacional, que implica, inarredavelmente, a solução radical do problema agrário com o predomínio de formas sociais de propriedade, se inserem no esforço total da classe operária pelo estabelecimento do poder socialista. Ao proletariado internacionalista e não aos "nacionalistas" compete agrupar ao seu redor todas as demais camadas populares que sopele, diretamente ou através de seus sócios da burguesia nacional e do latifúndio. Os aliados pequeno-burgueses dos centros urbanos e do campo serão empolgados pelo fluxo revolucionário, desincumbindo-se, dirigidos pelo proletariado cidadão e rural, da parte que lhes cumpre no processo ininterrupto que desembocará no Poder dos Conselhos de trabalhadores. A estratégia e a tática de "esquerdistas" e "direitistas" em disputa no PCB repousam, como eles mesmos o declaram, basicamente em uma aliança Frente Única Nacionalista e Democrática — com fantasmagórica burguesia brasileira, potencialmente revolucionária.

Isto tudo, é história recente, de nossos dias, de agora. Na Rússia de 1917, como na China atual, e nas chamadas "democracias populares", países primitivamente dependentes, semi-coloniais, retardatários, apesar de todas as distorções burocráticas e deformações totalitárias, desencadeada a revolução ou imposta pelo exercício russo, os esquemas estalinistas de revolução democrático-burguesa, por etapas, e outras imbecilidades oportunistas dos chefes dos PPCC, duraram o tempo que se leva para tirar do bolso um papelucho com instruções nocivas e lançá-lo à cesta. Na Rússia, como na China, principalmente, desatado o curso revolucionário, as tarefas "nacionais" e "democráticas", "agrárias" e "anti-

A REVOLUÇÃO CUBANA...

A Lima Comunista do Japão surgiu em 1956, logo após a revolução húngara, com o rompimento de diversos dirigentes comunistas da Zengakuren com o PC japonês, e a formação de um grupo revolucionário independente (de aproximadamente 500 membros). Reexaminando a política que seguiam anteriormente, chegaram à conclusão de que a teoria stalinista do "socialismo num só país" era uma traição ao marxismo, dando assim sua adesão às teses da Revolução Permanente de Trotsky; de caráter rigorosamente internacionalista, a Liga apresenta a luta contra o Pacto Militar, não como uma luta em defesa dos interesses nacionais (como os demais partidos), mas como fazendo parte da luta do proletariado internacional contra o capitalismo internacional; considerando o regime soviético como Capitalismo de Estado, recusa-se a tomar posição a favor de um dos dois blocos, apresentando ambos como inimigos da paz e exploradores das massas trabalhadoras; e finalmente, segundo artigo de um estudante japonês publicado no "O Estado de S. Paulo", "a posição da Liga assemelha-se mais à de Rosa Luxemburgo do que à de Lenine ou Trotsky"...

Nessas condições, não é de admirar a irritação do Partido Stalinista do Japão que acusa a "Zengakuren" de "trotskista e anarquista", lançando-lhe as piores calúnias (afirmando serem os estudantes e não a polícia, os responsáveis pela morte da jovem Michiko Kambo...) Apesar disso, a importância e o respeito de que a "Zengakuren" goza entre os estudantes e operários do Japão tende a se tornar cada vez maior.

A atuação extraordinária da Liga Comunista na luta do povo japonês contra o governo burguês de Kishi e contra o Pacto nipo-americano, indica o papel decisivo que pode ter um grupo pequeno, mas com uma atuação política consequentemente revolucionária. Na verdade, o surgimento em lugares tão afastados como o Japão e o Brasil, de grupos de tendências políticas tão semelhantes, é um sinal seguro de que, em todo o mundo, quadros militantes jovens constroem uma Nova Esquerda Revolucionária, capaz de conduzir as massas exploradas para a sua emancipação final.

Sem dúvida, é fácil constatar que a propriedade coletiva da terra e não seu parcelamento, é a solução que atenderia às reivindicações dos trabalhadores rurais e camponeses pobres; porém, para os reformistas agrários do PTB e PCB, tal solução no momento é "utópica" não correspondendo "ao nível atual de luta do camponês". Para resolver o problema, então, propõem eles a solução reacionária do campesinato conservador e até, se o oportunismo for muito exigido pelas circunstâncias, criam uma categoria histórica inédita, qual seja a do "latifundiário progressista".

Na verdade, a luta camponesa organizada está, no Brasil, dando os seus primeiros passos. Mas então, com maior razão, caberia aos que se pretendem vanguarda do movimento proletário apontar o caminho certo da revolução agrária, e não a demagogia reformista entorpecente. De fato, nem tudo, no reformismo agrário da pretensa esquerda, é simples ignorância dos princípios comunistas da luta socialista: ele não é senão uma faceta do nacional reformismo, o complemento inevitável da "tática" nacionalista". Tal ligação de fatos não nos deve surpreender: a luta contra o latifúndio está intimamente ligada à luta contra a burguesia industrial e o imperialismo, pois os três formam solidariamente o tripé da máquina que suga miseravelmente o esforço do trabalhador brasileiro.

A "reforma agrária" oportunista oponhamos a Revolução Agrária, isto é, a expropriação pelos camponeses dos latifúndios com a formação, nas grandes propriedades, de comunas agrárias democraticamente administradas e controladas pelos seus trabalhadores, e com o incentivo de formação de cooperativas de pequenos proprietários.

